

PATRICIA POSNER

**O FARMACÊUTICO  
DE AUSCHWITZ**

Tradução de  
Francisco Silva Pereira

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt

A presente edição segue a grafia do novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

THE PHARMACIST OF AUSCHWITZ © Patricia Posner 2017

© 2017

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Título: *O Farmacêutico de Auschwitz*

Título original: *The Pharmacist of Auschwitz*

Autor: Patricia Posner

Tradução: Francisco Silva Pereira

Revisão: Paulina Amaral

Paginação: José Miguel Antunes

Capa: Duarte Lázaro/Alma dos Livros

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-99705-9-5

Depósito legal: 428 618/17

1.<sup>a</sup> edição: julho de 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

*Para o Gerald, que me encorajou a canalizar para este livro a minha crença veemente de que os crimes do Holocausto nunca serão esquecidos.*



## ÍNDICE

Introdução.....	9
Prefácio da autora .....	13
1. «Tio farmacêutico» .....	17
2. A ligação Farben.....	21
3. I. G. Auschwitz .....	29
4. Capesius entra em cena .....	35
5. Bem-vindos a Auschwitz .....	47
6. O dispensário.....	55
7. «Conhecer o Diabo» .....	65
8. «O veneno da Bayer» .....	75
9. «Um cheiro inequívoco».....	79
10. Os judeus húngaros .....	87
11. Ouro dentário.....	97
12. Fim iminente.....	105
13. «Automaticamente detido» .....	111
14. «Que crime é que eu cometi?» .....	123
15. Ninguém sabia nada.....	135
16. Um novo começo.....	145
17. «Inocência perante Deus» .....	153
18. «A banalidade do mal» .....	169
19. «Eu não tinha poder para mudar a situação» .....	183
20. «Autores materiais do crime de homicídio» .....	191
21. Burocratas insípidos.....	197
22. «Não é de todo motivo para rir» .....	203
23. O veredito .....	217
24. «Não era mais do que um pesadelo» .....	227
Epílogo.....	233
Agradecimentos.....	237
Bibliografia .....	241
Notas .....	247



## INTRODUÇÃO

Tive a honra e o privilégio de conhecer e trabalhar com Simon Wiesenthal, o caçador de Nazis, durante quase trinta anos. Em consequência de ter perdido oitenta e nove membros da sua família no Holocausto Nazi, bem como da inenarrável barbaridade e crueldade que ele sofreu e testemunhou durante a *Shoah*<sup>\*</sup>, dedicou todos os dias da sua vida, desde 5 de maio de 1945 – quando os soldados estado-unidenses o libertaram, mais morto do que vivo, do Campo de Concentração de Mauthausen –, à perseguição e localização dos responsáveis pelo assassinio em massa do seu povo. Ajudaria a apanhar cerca de mil e cem criminosos Nazis, entre eles o homem que prendeu Anne Frank e a sua família.

— Justiça, não vingança — era o seu credo. — Temos de condenar criminosos, não mártires da causa neonazi — dir-nos-ia ele no Simon Wiesenthal Center, por ele fundado em 1977. Foi um cruzado da justiça, que, nos anos da Guerra Fria, batalhou praticamente sozinho e sem apoio digno de nota para garantir que a memória seria preservada e que a justiça seria feita.

— Todos os julgamentos serão uma inoculação contra o ódio e um aviso às gerações ainda por nascer a respeito da capacidade para o mal do Homem contra o seu próximo — diria ele nas universidades estado-unidenses durante os decénios de 1970 e 1980.

Como estava certo este cruzado da justiça. Vivemos num mundo em que a negação do Holocausto é política de Estado da Mulacracia no Irão, em que os termos e a imagética do Holocausto são vítimas

---

<sup>\*</sup> *Shoah* é o termo que muitos judeus preferem ao habitual «Holocausto», de origem grega, uma vez que se trata de uma palavra hebraica cujo significado é algo como «catástrofe» ou «calamidade», enquanto o termo «Holocausto» remete para uma prática de expiação de pecados pelo fogo, retirando, assim, peso à calamidade e perpetuando o antisemitismo. (*N. do T.*)

do abuso de extremistas que odeiam o Estado Judaico, em que palavras como Genocídio e, sim, até mesmo Auschwitz são cinicamente neutralizadas por políticos, especialistas e até acadêmicos. Pior ainda é o instinto, setenta anos depois, de relegar a *Sboab* para o espelho retrovisor da História, de afirmar que Auschwitz perdeu a sua relevância na atualidade.

É por isso que *O Farmacêutico de Auschwitz*, de Patricia Posner, é uma obra tão importante e relevante. Traça o percurso de um homem instruído, Victor Capesius, com formação em Farmacologia, um estimado vendedor da I. G. Farben e da Bayer que conhecia e convivia com judeus na sua Roménia natal antes da Segunda Guerra Mundial. Este mesmo homem acabaria ao lado do Anjo da Morte de Auschwitz, por vezes enviando pessoas que conhecera em tempo de paz, entre elas jovens gémeos judeus, ao encontro de uma morte imediata nas câmaras de gás. Seria também responsável pela salvaguarda da reserva Nazi de *Zyklon B* e pelo fornecimento de drogas que seriam usadas por médicos para levar a cabo experiências atrozes e letais em crianças e mulheres grávidas. Trata-se de um homem que vasculhava os cadáveres dos judeus assassinados em busca de obturações de ouro e que, levado pela ganância, fugiu com pesadas malas repletas de ouro extraído de milhares de vítimas.

Tão importante quanto a reconstituição da carreira de Capesius em Auschwitz é a reconstituição que Patricia Posner faz do julgamento coletivo de criminosos Nazis, num tribunal da Alemanha Ocidental, no início do decénio de 1960. Entre eles encontravam-se o principal auxiliar do *Kommandant* de Auschwitz, médicos, dentistas e até *Kapos*<sup>\*</sup>, juntamente com Capesius. Durante o julgamento e mesmo depois da sua condenação e sentença de nove anos, Capesius e os outros réus nunca revelaram remorsos. Os sobreviventes que se atreveram a testemunhar no tribunal alemão foram recebidos com olhares de desdém pelos sobreviventes Nazis, que pareciam desiludidos ao ver que algumas das suas vítimas tinham sobrevivido. Capesius – o mentiroso, ladrão e saqueador de mortos – negou sempre os seus crimes,

---

\* *Kapo* era a designação dada aos judeus aos quais os Alemães atribuíam funções especiais nos guetos e nos campos de concentração. Segundo a Jewish Virtual Library, seria uma abreviatura do termo alemão *Kameradschaftspolizei*. Para outros, tratar-se-ia antes de uma germanização do termo italiano *capo*, «chefe». Segundo o dicionário alemão *Duden*, porém, seria derivado do francês *caporal*, «cabo». (N. do T.)

recusou-se a assumir a responsabilidade pelos seus atos ou a pedir desculpa aos judeus que assassinara. Via-se como a vítima, uma boa pessoa que apenas se limitara a cumprir ordens, uma pequena roda na engrenagem, alguém que nem devia ter sido detido.

Em 24 de janeiro de 1968, tendo cumprido menos de dois anos e meio da sua sentença de nove, Capesius foi liberto da prisão pelo supremo tribunal alemão. Após a libertação, a sua primeira aparição pública em Göppingen deu-se com a sua família num concerto de música clássica. Ao entrar na sala, a assistência irrompeu espontaneamente num aplauso entusiástico. Para muitos, incluindo talvez alguns dos juízes ex-Nazis que o haviam libertado, Capesius era digno de apoio e de simpatia. Afinal, para eles, tratava-se apenas de um bom alemão que se limitara a cumprir ordens.

Patricia Posner certifica-se de que as novas gerações saberão entender que o caminho que ele e outros como ele escolheram os levou diretamente às portas do Inferno, e mais longe ainda.

### **Rabino Abraham Cooper**

Vice-Diretor

Cofundador

Simon Wiesenthal Center

Los Angeles, Califórnia

Agosto, 2016



## PREFÁCIO DA AUTORA

Na primavera de 1986, desloquei-me ao Plaza Hotel de Nova Iorque para um encontro que o meu marido, o escritor Gerald Posner, me tinha conseguido no Trader Vic's, um restaurante de temática polinésia. Este encontro tinha como motivo a investigação que estávamos a fazer a respeito do Dr. Josef Mengele, o infame «Anjo da Morte» responsável por experiências médicas macabras em Auschwitz, o maior campo de concentração Nazi. O que começara com um processo judicial *pro bono*, instaurado pelo meu marido em nome de duas cobaias sobreviventes de Mengele, transformara-se numa biografia daquele fugitivo Nazi. Durante os anos entretanto decorridos, tínhamos ido à Alemanha e à América do Sul, seguindo a história em arquivos há muito selados, e também penetrado em círculos neofascistas do pós-guerra que haviam ajudado Mengele a manter-se um passo à frente dos caçadores de Nazis.

O encontro no Trader Vic's era com nada menos do que Rolf Mengele, o filho único do famoso médico. Numa mesa de canto pouco iluminada, o Gerald e eu aguardávamos a chegada dele, então com 42 anos. Sendo uma judia inglesa, eu sabia que, se os meus avós maternos não tivessem emigrado para o Reino Unido na viragem do século xx, teriam provavelmente acabado num campo da morte Nazi. Talvez tivessem morrido em Auschwitz, onde homens como Mengele eram senhores supremos. Como tal, não será de admirar que grande parte da nossa pesquisa sobre ele me parecesse surreal. O Gerald tivera em Buenos Aires uma conversa extremamente desconfortável e irritante com Wilfred von Oven, um dos principais auxiliares do chefe da propaganda Nazi, Josef Goebbels, e também editor de um virulento jornal antisemita na Argentina do pós-guerra. Além disso, eu também tivera a oportunidade de ver uma coleção de recordações

Nazis, «presentes» de um dos patrocinadores da cidadania paraguaia de Mengele. Mas tudo aquilo parecia bastante distante, agora que eu estava prestes a encontrar-me com Rolf Mengele.

O Gerald e eu tínhamos discutido aquela questão muitas vezes. Um filho não é responsável pelos pecados do pai. E, graças ao nosso trabalho, eu sabia que Rolf condenava o que o seu pai tinha feito em Auschwitz e estava a tentar uma reparação ao permitir que o Gerald usasse gratuitamente os diários e as cartas do pai na biografia a publicar. A visita a Nova Iorque destinava-se em parte a discutir se Rolf estaria disposto a falar do pai na televisão (assim fez, no *Phil Donahue Show* daquele verão). Todavia, ainda que o lado racional do meu cérebro entendesse que o homem que eu iria encontrar não tinha nenhuma responsabilidade pelos crimes arrepiantes cometidos pelo seu homónimo paterno em Auschwitz, eu não deixava de estar uma pilha de nervos de emoções contraditórias. O Gerald já se tinha encontrado com ele na Alemanha ao longo de várias semanas e os dois tinham desenvolvido uma boa relação. Agora, era eu quem estava ali.

A minha apreensão dissipou-se pouco depois de Rolf chegar. Parecia estar tão receoso quanto eu, com um nervosismo que de algum modo contribuiu para reduzir a nossa ansiedade partilhada. Fiquei impressionada com a sua sinceridade ao denunciar os crimes do pai. E, nos dias seguintes, descobri que as atrocidades de Mengele tinham sobrecarregado o filho com um legado que o próprio não compreendia completamente, sendo seu desejo evitar transmiti-lo aos seus filhos.

A dada altura, enquanto discutíamos a fuga do seu pai à justiça, falámos dos meses caóticos após o fim da guerra, em maio de 1945. Mengele ainda estava na Europa, com as forças inglesas e estado-unidenses no seu encalço. Havia de ter muitos golpes de sorte. Mas o que mais me impressionou foi o facto de, em setembro de 1945, oito meses depois de fugir de Auschwitz com um escasso avanço sobre o Exército Vermelho soviético, Mengele ter aparecido de surpresa em Munique, em casa de um farmacêutico e da sua mulher. Esse farmacêutico não identificado estivera com ele na frente russa em 1942, antes de ser transferido para Auschwitz. Mas, segundo Rolf, o farmacêutico de Munique estava ao corrente dos crimes do seu pai, porque os dois tinham um conhecido comum, que trabalhara com Mengele no campo da morte: outro farmacêutico, Victor Capesius.

— Capesius — disse Rolf. — O farmacêutico de Auschwitz. O meu pai e ele eram amigos.

Recordo-me daquele momento como se fosse ontem. A primeira coisa que me veio à cabeça foi: Auschwitz tinha um farmacêutico?

Durante estes anos, entre os meus projetos literários e os muitos que partilhei com o Gerald, alimentei a esperança de um dia escrever sobre Capesius. Este meu desejo foi crescendo com o tempo, à medida que ia percebendo que a história dele – e o papel por ele desempenhado em Auschwitz com algumas das maiores empresas farmacêuticas da Alemanha – se encontrava essencialmente por contar, em grande parte perdida na atenção dada a Nazis mais infames. Ao recolher gradualmente informação ao longo dos anos, descobri uma história fascinante de ganância e de uma medicina perversa. Aquelas poucas palavras de Rolf Mengele há trinta e um anos plantaram uma semente que agora ganhou substância. O que se segue é uma história singular, perturbadora e por vezes exasperante do farmacêutico de Auschwitz.



## *Capítulo Um*

### «TIO FARMACÊUTICO»

**M** maio de 1944. Auschwitz, o grande templo Nazi do genocídio de escala industrial, estava a funcionar na sua capacidade máxima. No clímax frenético da sua guerra para erradicar os judeus europeus, o Terceiro Reich começara a deportar quase oitocentos mil judeus húngaros para as câmaras de gás de Auschwitz. O local que havia de se tornar sinónimo de assassinio em massa debatia-se para acompanhar a enchente de novas vítimas. Foi a este cenário caótico que Mauritius Berner, um médico romeno, chegou com a sua mulher e filhas. Os Berner e oitenta dos seus vizinhos judeus da Transilvânia sob controlo húngaro chegaram imediatamente antes de o nascer do Sol, após uma torturante viagem de três dias no interior de um apinhado vagão de transporte de gado.

— Lá fora, os cadeados e as correntes foram retirados e a porta abriu-se — recordaria depois Berner. — Havia quantidades enormes de malas de viagem, milhares de peças de bagagem numa desordem inimaginável.

Uma falange de tropas da SS equipada com lobos-d'alsácia a ladrar incessantemente acrescentava uma silhueta surreal ao fundo de projetores muito intensos.

— Eu não conseguia perceber onde estávamos, o que tinha acontecido, o porquê daquele cenário de total devastação. Ao olhar em frente, para os dois pares de carris, a poucas centenas de metros, vimos duas chaminés fabris das quais se elevavam chamas altas, pilares de

fogo... A princípio, ficámos com a sensação de estar numa estação bombardeada... aquelas colunas desmedidas de chamas que saíam das chaminés fizeram-me pensar que tínhamos chegado a uma fundição ou às portas do Inferno de Dante.

Não obstante o medo que sentia, o Dr. Berner tranquilizou a sua mulher e as filhas de ambos.

— O importante é que nós os cinco vamos ficar juntos... não vamos deixar que ninguém nos separe.

Um oficial da SS postou-se diante deles naquele momento.

— Homens para a direita, mulheres para a esquerda.

— Num instante, dei por mim separado da minha mulher e das minhas filhas — disse Berner. Lentamente, tiveram de avançar em duas filas paralelas com pouco mais de um metro entre elas.

— Vem dar-nos um beijo, meu querido — gritou-lhe a mulher.

— Corri para junto delas. Beije a minha mulher e as minhas filhas, com lágrimas nos olhos e um nó na garganta, e olhei para os olhos da minha mulher, arregalados, tristes, lindos, repletos de medo da morte. As nossas filhas olhavam-nos em silêncio, atrás da mãe. Não conseguiam perceber o que estava a acontecer.

Um soldado empurrou Berner de volta para a fila dos homens. Poucos minutos depois, outro gritou:

— Médicos, alinhem-se aqui!

Como tal, Berner juntou-se a um pequeno grupo que se estava a formar perto de vários camiões da Cruz Vermelha. Ali, viu um capitão da SS imaculadamente fardado e com luvas brancas, parado à frente dos milhares de recém-chegados que se estendiam por quase meio quilómetro ao longo dos carris. À medida que cada um deles se ia aproximando, o oficial da SS apontava para a esquerda ou para a direita, separando-os mais uma vez. Só depois é que Berner ficaria a saber que aquele oficial era Josef Mengele e que ser enviado para a esquerda era uma sentença de morte imediata.<sup>1</sup>

Alguns passos atrás de Mengele encontrava-se outro oficial da SS, um homem baixo e atarracado, de costas para Berner, que encaminhava os prisioneiros depois de Mengele proceder à sua seleção. A dada altura, esse oficial virou-se para trás. Berner ficou espantado, abanou a cabeça e esfregou os olhos para ter a certeza de que não estava enganado. O oficial da SS junto ao terminal ferroviário de Auschwitz

era nem mais nem menos do que Victor Capesius, um farmacêutico da sua cidade natal.

No decénio de 1930, aquele farmacêutico tinha sido um simpático representante comercial da I. G. Farben, o gigante grupo empresarial químico e industrial alemão. Vendia medicamentos para a Bayer, a subsidiária farmacêutica da Farben.<sup>2</sup>

— Depois de a guerra começar, perdi o contrato com ele — recordaria Berner — até chegar a Auschwitz com a minha família. E quem é que eu encontro ali? O dito Dr. Capesius.<sup>3</sup>

Lentamente, Berner aproximou-se o suficiente para que o outro o conseguisse ouvir. As palavras saíram-lhe depressa.

— Lembra-se de mim!? — Pediu a Capesius que o deixasse voltar para junto da mulher, da filha de 12 anos e das gémeas de 9.

— Gémeas? — O farmacêutico parecia estar interessado.

Capesius e outro médico da SS, o Dr. Fritz Klein, foram buscar a mulher e as filhas de Berner. Levaram a família a Mengele, que dedicava toda a sua atenção às longas filas de prisioneiros.

Klein falou-lhe das gémeas.

Mengele estava obcecado com gémeos para as suas experiências. Mas uma vez que recentemente a guerra se virara contra o Reich, sabia que já não se poderia permitir o luxo de ficar com todos os gémeos que encontrasse.

— Monozigóticas ou dizigóticas? — quis saber ele.

— Dizigóticas — respondeu Klein.

— Mais tarde. — Mengele dispensou-o com um gesto da mão. — Agora, não tenho tempo.

— Vão ter de voltar para junto do grupo — disse Capesius a um soluçante Berner. — Não chore. A sua mulher e as suas filhas apenas vão tomar um banho. Volta a vê-las daqui a uma hora.<sup>4</sup>

Na realidade, Berner seria enviado para um dos subcampos de trabalho escravo de Auschwitz. Só depois da guerra é que ficaria a saber que a sua família tinha sido gaseada uma hora após a sua chegada.

Naquele mesmo dia, duas outras pessoas reconheceram Capesius na rampa de seleção. A Dra. Gisela Böhm, pediatra, e a sua filha de 19 anos, Ella, tinham chegado no mesmo comboio. Ella consolara as gémeas de Berner durante a terrível viagem. Ambas ficaram espantadas ao ver Capesius junto à linha férrea.

A Dra. Böhm também conhecia o farmacêutico do tempo em que aquele fora representante da Bayer. Ele estivera à frente de uma farmácia na sua cidade de origem, Schässburg, e fazia visitas comerciais ao marido dela, que era médico. Certa vez, chegara mesmo a mostrar-lhes um filme promocional da Bayer.<sup>5</sup>

Ella tinha boas recordações de Capesius. Quando tinha 12 anos, o pai apresentara-lho como o seu «tio farmacêutico». Ele oferecera-lhe um bloco de notas da Bayer como presente.

— Eu tinha muito orgulho no meu bloco da Bayer — recordaria ela anos depois —, gabava-me dele na escola.<sup>6</sup> Capesius encontrava-se por vezes com a família Böhm numa piscina pública e Ella recordava-se de ele ser «simpático comigo».

Quando o viu pela primeira vez, pensou que talvez as ajudasse a separarem-se dos milhares de outras mulheres. Mas não conseguiu chamar-lhe a atenção.

— Que é que ele está a fazer aqui? — perguntou-se ela. — Que é que um farmacêutico faz num lugar tão desolador como este?<sup>7</sup>

## *Capítulo Dois*

# A LIGAÇÃO FARBEN

A resposta à pergunta de Ella não era simples. Para perceber o que um farmacêutico como Capesius estava a fazer em Auschwitz, primeiro é necessário saber como aquele campo passara a ser um centro de lucro para experimentação médica, trabalho escravo e extermínio – o produto mortífero de uma parceria militar-industrial-política entre os Nazis e a I. G. Farben (a maior empresa da Alemanha). Para Capesius em particular, era mais do que uma simples questão de perceber a história sombria que dera origem a Auschwitz, isto porque, antes da guerra, ele trabalhara para a Farben e para a sua subsidiária farmacêutica, a Bayer. Tratava-se de uma ligação que promovia o seu estatuto junto de muitos dos Nazis que trabalhavam com ele no campo.

A Interessengemeinschaft Farben (Sociedade de Interesses Farben) fora fundada em dezembro de 1925, apenas oito anos antes de Hitler se tornar chanceler da Alemanha. Seis grandes empresas químicas e farmacêuticas fundiram-se naquele enorme grupo empresarial. Entre elas, encontravam-se os maiores fabricantes mundiais de corantes sintéticos: Bayer, Hoechst, BASF e Agfa.<sup>1</sup>

Em catorze anos, do seu início ao começo da Segunda Guerra Mundial, a Farben arrecadara um recorde de quatro Prémios Nobel da Química e da Medicina. Detinha um monopólio virtual de patentes inovadoras no fabrico de matérias-primas sintéticas, incluindo borracha e óleo, bem como de medicamentos revolucionários para o tratamento da sífilis e da malária, patentes da morfina e novocaína,

e até os direitos exclusivos da Aspirina como analgésico. Liderava igualmente a investigação em milhares de produtos bastante diversos, do adoçante artificial sacarina aos potentes gases venenosos e promissores combustíveis para foguetões. O seu quarto de milhão de empregados era mais habilitado e mais bem pago do que nas indústrias concorrentes. Num tempo recorde, com a sua complexa rede de parcerias e subsidiárias, a Farben tornara-se a maior empresa química do mundo e o quarto maior grupo empresarial industrial, logo atrás da General Motors, U. S. Steel e Standard Oil Company. Era de longe a empresa mais lucrativa da Alemanha.<sup>2</sup>

Ainda antes de chegar ao poder, Hitler partilhava uma crença inabalável e disseminada por todo o país: em grande parte, a Alemanha tinha perdido a Primeira Guerra Mundial, porque dispunha de poucos recursos naturais necessários para travar uma batalha militar prolongada. As suas indústrias vitais tinham praticamente parado durante aquela guerra, pois um bloqueio naval britânico estrangulava as linhas de abastecimento, impedindo que borracha, óleo, aço e nitratos chegassem à Alemanha. Isto resultara numa escassez persistente de tudo – da pólvora ao combustível, deixando o país incapacitado no campo de batalha. Em última análise, fora a falta de matérias-primas associada à fome generalizada da população civil que quebrara a combatividade alemã.<sup>3</sup>

Hitler, um soldado condecorado da Primeira Guerra Mundial, estava convencido de que o país tinha de ser militarmente autosuficiente. As tecnologias da Farben ofereciam-lhe uma singular oportunidade para reconstruir a Alemanha, sem depender de outros países para a obtenção de borracha, óleo e nitratos. Mas o casamento destes dois – o nacionalista de direita e a empresa monolítica – conheceu problemas logo no seu início, isto porque muitos dos melhores cientistas da Farben e cerca de um terço da sua direção eram judeus. Como tal, a dança de acasalamento entre a Farben e o Terceiro Reich teve o seu quê de esquizofrenia. A literatura e os comentadores Nazis denegriam a Farben como um «instrumento do capital financeiro internacional», palavras de código para a visão Nazi de que uma pequena cabala judaica controlava e manipulava os mercados financeiros e as indústrias mundiais. Por vezes, a Farben era referida pejorativamente como I. G. Moloch, uma referência a um deus cananeu

pelo qual se sacrificavam crianças. Pretendia-se, assim, conjurar essa calúnia secular, segundo a qual os Judeus matavam bebês cristãos e usavam o seu sangue em rituais religiosos. O virulento e antisemita semanário *Der Stürmer* publicava cartunes de «Isidore G. Farber», uma caricatura ofensiva num misto óbvio de Shylock e de uma prostituta.<sup>4</sup>

Algumas das críticas Nazis mais duras tinham como alvo as divisões farmacêuticas da Farben, visto que estas usavam rotineiramente animais de laboratório para testar medicamentos. Surpreendentemente, os Nazis mais bem empregados eram acérrimos ativistas dos direitos dos animais e o próprio Hitler era um vegetariano que esperava um dia eliminar todos os matadouros alemães. Os Nazis chegariam mesmo a aprovar legislação para proteger os animais dos caçadores, proibir o uso dos mesmos em filmes ou circos, bem como os talhos *kosher*. A Alemanha foi o primeiro país a proibir a vivissecção. O castigo para os testes laboratoriais com animais era o internamento num campo de concentração ou, em alguns casos, a pena de morte. Um dos principais cientistas médicos da Farben, Heinrich Hörlein, defendia que as experiências com animais eram fundamentais para testar medicamentos que podiam salvar vidas. Os Nazis consideravam que tal opinião era apenas mais uma prova de que a Farben era «uma organização internacional judaica».<sup>5</sup>

Carl Bosch, o químico galardoado com o Prémio Nobel que dirigia a empresa, não era fã de Hitler. Para ele, os Nazis eram pouco melhores do que arruaceiros políticos sem nenhum apreço pela inovação científica, que era a coluna dorsal da Farben. Mas, com o início da escalada de Hitler, Bosch percebeu que a empresa tinha de se converter e passar de um estranho pouco fiável a um parceiro indispensável.<sup>6</sup> Como tal, abriu os cofres da empresa e tornou-se o maior patrocinador financeiro dos Nazis nas eleições de 1933, nas quais Hitler obteve quase seis milhões de votos e consolidou a sua posição como chanceler.<sup>7</sup> Bosch enviou também o secretário de imprensa do grupo empresarial, que tinha sólidas relações com os Nazis, para convencer Berlim de que a liderança da empresa era essencialmente constituída por «*self-made man* cristãos».<sup>8</sup>

Entretanto, Hitler desenvolvia um intenso interesse pessoal pelas patentes de óleo sintético da Farben. Ao encontrar-se com dois quadros superiores, o Führer surpreendeu-os ao dizer que a Farben estava

no centro do seu plano para tornar a Alemanha autossuficiente.<sup>9</sup> Quando Bosch e Hitler se encontraram no final de 1933, pareceram entender-se inicialmente, graças a uma paixão partilhada: um programa intensivo para tornar o país independente em combustível. Mas a cimeira terminou num tom azedo, quando Bosch revelou a sua preocupação com a crescente exclusão dos Judeus das ciências. Foi direto: tanto a Química quanto a Física sofreriam um retrocesso de cem anos se a Alemanha obrigasse os seus cientistas judeus a partir. Esta sugestão tinha deixado Hitler furioso.

— Nesse caso, trabalharemos cem anos sem Física nem Química — berrara ele.

Os dois ficaram em desacordo. Naquele mesmo ano, os Nazis aprovaram a *Ermächtigungsgesetz* (Lei de Concessão de Plenos Poderes), que dava a Hitler a autoridade que este depois usaria para banir os Judeus da ciência, tecnologia, ensino universitário, funcionalismo público e prestação de serviços ao governo. Indo contra o conselho dos seus colegas diretores, Bosch continuaria a defender os cientistas judeus. Não será, pois, de admirar que Hitler nunca mais tenha aceitado estar na mesma sala que Bosch.<sup>10</sup>

Os Nazis poderiam ter desmantelado uma empresa com menos poder e influência, mas Hitler e os seus comparsas precisavam dos conhecimentos e da força de trabalho da Farben. Como tal, começando em força a partir de 1937, fizeram a única coisa aceitável para o Terceiro Reich: a Farben foi Nazificada. Robert Ley, um químico da Bayer, tornou-se o ministro Nazi responsável pela Frente Laboral Alemã. Todos os funcionários judeus foram despedidos. Um terço da direção foi expulsa à força da sede, sendo-lhe proibido qualquer contacto com a empresa. Os principais cientistas judeus das divisões de investigação foram postos de parte e sumariamente substituídos.<sup>11</sup> Quando os judeus foram eliminados dos escalões superiores da Farben, Carl Bosch já havia passado a presidente honorário da empresa, um cargo de pouca influência (ao morrer três anos depois, nas garras do alcoolismo e da depressão, diria aos seus médicos que Hitler acabaria por levar a Alemanha à destruição).

Em julho de 1938, quando o Terceiro Reich decretou que a simples presença de um único judeu numa direção fazia com que qualquer empresa fosse judaica, as tensões entre os Nazis e a Farben tinham

passado à história. Muitos funcionários da empresa se haviam tornado membros do partido Nazi, alguns entraram mesmo para a SS. Com sucesso, a Farben pediu um certificado de que a mesma se tratava de uma «empresa alemã», em pleno cumprimento das leis raciais.<sup>12</sup> Para demonstrar a seriedade com que encarava a diretiva para se tornar uma empresa ariana, chegou a ponto de dispensar cento e sete chefes de departamento judeus que trabalhavam em divisões internacionais fora da Alemanha.<sup>13</sup> Conseguiu, igualmente, converter a sua subsidiária nos EUA num dos meios de espionagem mais eficazes naquele país. Graças ao facto de ser proprietária de empresas como a Agfa, AnSCO e General Aniline, os seus «vendedores» obtinham tudo, de fotografias de instalações militares secretas a estratégias do Exército e da Força Aérea.<sup>14</sup>

A anexação da Áustria por Hitler, em março de 1938, seria a primeira prova de que a parceria Farben-Terceiro Reich estava em plena expansão. No espaço de poucas semanas, a Farben assumiu o controlo da Skodawerke-Wetzler, a maior empresa química austríaca, na qual a preeminente família de banqueiros europeus, os Rothschild, detinha um poder de controlo. Depois de todos os quadros superiores da empresa serem afastados compulsivamente, a Farben instalou técnicos e gestores arianos (Isador Pollack, diretor-geral da Skoda, seria literalmente pontapeado até à morte por um gangue de Nazis).<sup>15</sup>

A apropriação da Skoda pela Farben tornar-se-ia o padrão a usar em outros países vítimas da agressão de Hitler. Em 1938, durante um confronto entre a Alemanha e a Checoslováquia, a Farben recorreu à ameaça de uma invasão Nazi para comprar a preço de saldo a Aussiger Verein, a maior empresa química checa. Quando, em 1 de setembro de 1939, os Nazis deram início à sua *blitzkrieg* na Polónia, a Farben ajustou as suas lealdades no interior do Terceiro Reich, a fim de maximizar os seus espólios. Antes da guerra, o responsável pela Luftwaffe, Hermann Göring, tinha sido o maior defensor da Farben. Quando a Polónia caiu nas mãos dos Nazis, a Farben aliou-se ao chefe da SS, Heinrich Himmler, que tomava as decisões relativas ao destino das empresas e propriedades naquele país. Assim, a Farben garantiria a apropriação das empresas polacas mais importantes no ramo dos produtos químicos e corantes.<sup>16</sup>

Em junho de 1940, os Nazis tinham invadido a Bélgica, a Dinamarca, a Noruega, a Holanda, o Luxemburgo e, inacreditavelmente, haviam

deixado a França de joelhos durante um feroz assalto de seis semanas. Muitos executivos superiores da Farben tinham recordações bem amargas a respeito das exorbitantes compensações exigidas pela França à indústria alemã depois da Primeira Guerra Mundial. Além disso, há muito que a indústria química francesa era a maior concorrente da alemã. As empresas francesas deram por si rapidamente arianizadas e, graças a uma nova participação financeira, a Farben assumiu o controlo da cobiçada indústria química francesa.<sup>17</sup>

As ambições da Farben iam crescendo ao ritmo das vitórias alemãs no campo de batalha. Os seus diretores traçavam planos para se apoderar das indústrias químicas, não só das nações ocupadas, mas também de futuras conquistas, incluindo a Suíça neutral, a Itália e a União Soviética – então aliadas da Alemanha –, e até a Inglaterra e os EUA. Agora, a empresa fornecia 85% de todos os artigos militares que os Nazis usavam no esforço de guerra.<sup>18</sup>

A queda da França havia de marcar o apogeu do sucesso militar alemão. Ainda que os Nazis efetuassem um implacável ataque aéreo contra a Inglaterra, os Ingleses continuavam a não ceder. Então, Hitler ignorou o conselho dos seus melhores generais e preparou-se para lançar uma segunda frente a leste com a invasão da Rússia. O alto comando Nazi sabia que o primeiro ano de combate já consumira grandes reservas de combustível e munições. Até a borracha, necessária para tudo, de pneus a botas de combate, começava a escassear, e uma guerra em duas frentes constituiria uma exigência exponencial de recursos. Hitler exigiu, então, que a Farben garantisse a duplicação do fabrico de borracha e óleo sintético, impondo, para tal, a construção de duas novas megafábricas. A Farben enviou duas equipas em prospeção de novos locais, uma para o sul da Noruega e a outra para a Polónia Ocidental. Estes dois países encontravam-se sob um sólido controlo alemão e a salvo de ataques dos Aliados.

Otto Ambros, então com 39 anos, um químico largamente reconhecido como o especialista da borracha sintética da Farben, tinha supervisionado a construção da primeira grande fábrica de borracha da empresa em Schkopau, no leste da Alemanha. Depois de visitar a Polónia, Ambros regressou à sede em Frankfurt com a notícia de que tinha encontrado o local ideal para construir as duas fábricas. O lugar em questão situava-se na Silésia polaca, perto da confluência

de três rios. A produção de borracha e óleo sintético exigia grandes quantidades de água para a química de alta pressão, fundamental para ambas as tecnologias. Três vias-férreas serviam a área. Não ficava longe de uma estrada, e grandes zonas de extração de minério podiam ser encontradas num raio de 30 quilómetros. Uma vantagem suplementar, segundo Ambros, era o facto de ficar perto do local onde os Nazis estavam a transformar um entreposto de cavalaria abandonado num campo de concentração. Assim, a Farben podia ter acesso a uma fonte regular de mão de obra barata.<sup>19</sup>

Os colegas diretores de Ambros aprovaram rapidamente o local, seguindo-se a luz verde do Terceiro Reich. A Farben decidiu usar o nome da pequena aldeia polaca, vizinha das futuras instalações, para a sua nova divisão corporativa: I. G. Auschwitz.<sup>20</sup>



## *Capítulo Três*

### I. G. AUSCHWITZ

**A** Farben tinha grandes planos para a I. G. Auschwitz. Não só havia de ser o maior complexo da empresa, como também, pela primeira vez, iria incluir um enorme centro de hidrogenação para produzir quantidades notáveis de borracha sintética e de combustível. A empresa esperava que a I. G. Auschwitz se viesse a tornar um tremendo centro de lucro. Estava tão confiante, que recusou a oferta de financiamento do governo alemão. Se tivesse aceitado o dinheiro do Terceiro Reich, os Nazis ter-se-iam automaticamente tornado parceiros da Farben. Em vez disso, os diretores da Farben queriam assumir todos os riscos e colher todos os lucros.

A Farben pôs de parte quase mil milhões de Reichsmark (cerca de 55 mil milhões de dólares estado-unidenses em 2015) para a sua ambiciosa construção.<sup>1</sup> O projeto exigia instalações que se estendiam por vários quilómetros quadrados, consumindo mais eletricidade do que a cidade de Berlim. Heinrich Himmler, chefe da SS, considerava o sucesso da I. G. Auschwitz tão importante, que nomeou o seu chefe de estado-maior de confiança, o major-general da SS, Karl Wolff, como intermediário entre a Farben e a SS.

Em 20 de março de 1941, Wolff reuniu-se em Berlim com o tenente-coronel da SS, Heinrich Bütefisch, um químico e diretor da Farben. Pretendiam decidir como é que o vizinho campo de concentração de Auschwitz poderia ajudar a Farben. Muitos operários qualificados encontravam-se em serviço militar nas linhas da frente, pelo que a empresa tinha falta de trabalhadores com experiência.

Como tal, planeava trazer não só alemães, mas também aqueles aos quais eufemisticamente chamava de «trabalhadores livres» – empregados holandeses, belgas, franceses e também polacos, que recebiam ordenados drasticamente reduzidos. Himmler ordenou ao Inspetor dos Campos de Concentração que lhe fornecesse mais de 12 mil prisioneiros. Uma vez que os campos como Auschwitz eram centros de lucro da SS, Bütefisch sabia que Himmler insistiria numa compensação por quaisquer prisioneiros que a Farben usasse.

Depois de meio dia de negociações difíceis, a Farben aceitou pagar 4 Reichsmark (então cerca de 1,60 dólares estado-unidenses, 20 em 2015) por dia aos prisioneiros qualificados, 3 aos não qualificados e 1,5 às crianças. A troco desse valor – que havia de perfazer um total superior a 5 milhões de dólares – a SS comprometia-se a fornecer transporte de e para as casernas da SS, a cerca de 6 quilómetros do estaleiro, bem como todas as rações necessárias.<sup>2</sup> Algumas semanas depois de fechado o negócio, vários diretores da Farben ofereceram a Himmler uma visita guiada privada ao estaleiro da I. G. Auschwitz. Ele ficou impressionado e prometeu um fornecimento regular de prisioneiros.<sup>3</sup> Otto Ambros escreveria num memorando: «A nossa amizade com a SS está a revelar-se muito lucrativa.»<sup>4</sup>

A Farben sabia que a numerosa esfera de ação do projeto representava um grande desafio técnico e que as limitações do tempo de guerra dificultavam a obtenção de todas as matérias-primas. Todavia, a construção revelar-se-ia ainda mais problemática logo no início e os trabalhos não tardariam a atrasar-se.<sup>5</sup> Mas a I. G. Auschwitz também seria atormentada por um problema inesperado: a Farben não tinha previsto as terríveis consequências que os selváticos castigos impostos aos prisioneiros pela SS trariam à sua força de trabalho.

Memorandos internos da empresa enumeravam os constantes abusos: os prisioneiros eram «duramente açoitados no estaleiro da obra» e, por vezes, pontapeados e espancados, chegando mesmo a ser mortos à paulada. Um diretor referia que «Isto [os espancamentos] aplica-se sempre aos prisioneiros mais fracos que realmente não podem esforçar-se mais».<sup>6</sup> Não só impedia os mais frágeis de trabalhar, como tinha um «efeito desmoralizante nos trabalhadores livres, bem como nos alemães».<sup>7</sup> Além disso, a marcha diária que os prisioneiros eram forçados a fazer esgotava-lhes grande parte das forças, antes sequer de

começar a trabalhar. Equipados apenas com desconfortáveis tamancos de madeira e fardas de pano fino, sofriam com o calor extremo do verão e com o frio rigoroso do inverno. Consternados, os capatazes viam que precisavam de três, depois quatro e, por fim, cinco prisioneiros subnutridos para carregar uma saca de 50 quilos de cimento.<sup>8</sup> Os executivos da companhia queixavam-se internamente – a SS não entendia o que era preciso para fazer com que a «economia de mercado» florescesse.

Mas os obsessivamente burocráticos Nazis exigiam que cada trabalhador forçado que deixasse o campo principal pela manhã, depois de uma chamada às 4 horas, fosse novamente contabilizado à noite. Isto dava origem a cenas surreais ao fim de cada dia de trabalho, quando os prisioneiros arrastavam os cadáveres dos colegas que tinham morrido durante aquele turno, isto para que os Nazis pudessem contar os corpos dos mortos como «presentes». Várias vezes por semana, os Nazis empilhavam os cadáveres em camiões e levavam-nos para os crematórios. Este bizarro ritual tinha como motivo o lucro: a SS ganhava dinheiro com cada cadáver, da extração do ouro das obturações dentárias à utilização do cabelo para encher colchões e fazer meias quentes para as tripulações dos submarinos e para os pilotos da Luftwaffe.<sup>9</sup> A eliminação dos trabalhadores mortos na fábrica da Farben teria privado a SS da oportunidade final de violar os cadáveres.

Não eram questões humanitárias que levavam os executivos da Farben a preocupar-se com os maus-tratos impostos aos seus trabalhadores. Antes, sentiam-se frustrados por ser necessário três prisioneiros para o trabalho que poderia ser feito por um único trabalhador alemão bem alimentado. Isto deu origem a um aceso debate interno sobre como reativar a construção atrasada. As chefias receavam que, se as fábricas de borracha e óleo sintético não abastecessem completamente o exército de Hitler, a SS responsabilizasse a empresa. Ninguém se queria arriscar a incorrer na ira de Hitler e Himmler a respeito de projetos de guerra considerados indispensáveis. Como tal, em julho de 1942, já com um ano de combate feroz na Frente Oriental, a direção da Farben aprovou uma incrível proposta que havia de cimentar a sua descida a uma bancarrota moral: decidiu que a melhor maneira de resolver o seu problema laboral na I. G. Auschwitz passava pela construção do seu campo de concentração

com um custo de 20 milhões de dólares. O local escolhido era adjacente à construção em curso e imediatamente a leste do campo original de Auschwitz. Ernst «Fritz» Sauckel, o Ministro do Trabalho do Reich, deu luz verde à proposta da Farben, concluindo que era a melhor forma de os «explorar [os prisioneiros] o mais possível, com o menor custo concebível».

O novo campo recebeu o nome de Monowitz Buna-Werke, uma combinação do nome da aldeia polaca, Monowice (Monowitz em alemão), que tinha sido demolida para obter o espaço necessário, e *Buna*, o termo alemão usado para designar a borracha sintética. O acesso a um fornecimento regular de trabalhadores escravos acabaria por encorajar a Farben e outras empresas alemãs a construir quarenta e cinco subcampos – extração de carvão, siderurgia, produtos químicos, indústria ligeira, e até processamento alimentar – num raio de 50 quilómetros, à medida que a implantação de Auschwitz se ia alastrando pela área rural da Polónia.<sup>10</sup>

Para um observador casual, Monowitz assemelhava-se simplesmente a uma imitação de Auschwitz, rodeada de arame farpado eletrificado, torres de vigia com guardas equipados com metralhadoras, cães-patrolha e holofotes que iluminavam o campo durante a noite para evitar fugas. Monowitz contava com o seu patíbulo, miseráveis celas de detenção solitária, e uma falange de ex-reclusos que faziam as vezes de sádicos capatazes dos trabalhadores escravos.<sup>11</sup> Havia também um bordel (*frauenblock*), onde as prisioneiras eram forçadas a servir de escravas sexuais dos trabalhadores alemães. A Farben chegou mesmo a criar um duplicado do trocista letreiro de ferro que se encontrava acima da entrada de Auschwitz: *Arbeit Macht Frei*, «O Trabalho Liberta» (as palavras retiradas do *Inferno* de Dante).

Além de gastar milhões para construir o campo, a Farben aceitou cobrir todos os custos de alimentação e alojamento, enquanto a SS se responsabilizava pela segurança. A empresa fazia tudo ao seu alcance para aumentar os lucros, reduzindo as despesas. Em média, três trabalhadores eram obrigados a dormir em catres de madeira originalmente concebidos para receber apenas um. As casernas alojavam cinco vezes mais judeus do que trabalhadores alemães livres.<sup>12</sup> O escasso enchimento de palha das camas era uma fonte constante de infeção e de doença.<sup>13</sup> E a empresa procedia a experiências agressivas

para determinar a quantidade mínima de comida necessária para garantir que os prisioneiros não morriam de fome, continuando a trabalhar. O elemento principal da dieta em Monowitz era uma sopa aguada à qual os prisioneiros chamavam ironicamente de *Buna*, visto que deixava na boca um sabor a borracha. Um trabalhador forçado médio, sobrevivendo com não mais do que 1200 calorias diárias, perdia cerca de 4,5 quilos por semana até estabilizar num macilento molho de pele e ossos.<sup>14</sup>

Memorandos da companhia revelam que os funcionários da Farben consideravam que todos os prisioneiros que morressem devido às severas condições de trabalho podiam ser facilmente substituídos pelos que chegassem no comboio seguinte. Benjamin Ferencz, um dos principais promotores públicos estado-unidenses responsáveis pela acusação dos crimes de guerra depois da Segunda Guerra Mundial, referia que: «Os trabalhadores judeus dos campos de concentração eram menos do que escravos. Os escravizadores zelam pela sua propriedade humana e tentam preservá-la: o plano e a intenção dos Nazis consistiam em esgotar e depois queimar os Judeus.»<sup>15</sup>

Um problema que a Farben tinha de enfrentar era o facto de a SS enviar para as câmaras de gás a maioria dos prisioneiros que chegavam. Por exemplo, os executivos da companhia queixavam-se de, numa remessa de 5022 judeus, 4092 terem sido mortos imediatamente à chegada. Depois de uma queixa formal, a SS aceitou um raro procedimento, graças ao qual alguns dos comboios eram descarregados perto da I. G. Auschwitz, tendo em vista a obtenção de trabalhadores em condições. No primeiro comboio descarregado perto de Monowitz, metade dos 4087 prisioneiros escapou às câmaras de gás e tornou-se mão de obra escrava. Ainda assim, os responsáveis da Farben refeririam a sua desilusão com o facto de o comboio conter «tantas mulheres e crianças, bem como judeus velhos».<sup>16</sup>

Não obstante estes invulgares percalços, os executivos de topo consideraram Monowitz um modelo para projetos futuros. O presidente do conselho de administração, Carl Krauch, escreveria a Himmler em 27 de julho de 1943, dizendo que estava «particularmente satisfeito», ao saber que numa discussão a respeito de uma nova fábrica de borracha sintética a SS «continuará a patrocinar-nos e a ajudar-nos... como foi o caso em Auschwitz».<sup>17</sup>

Feitas as contas, cerca de 300 mil trabalhadores escravos terão passado pela I. G. Auschwitz. Foi ali que Elie Wiesel e Primo Levi trabalharam, quando adolescentes (ambos sobreviveram e depois tornaram-se autores aclamados, descrevendo o que ali acontecera). Segundo Levi, a fábrica da Farben era um «enorme emaranhado de aço, betão, lama e fumo, a negação da beleza... Dentro dos seus limites não cresce uma única lâmina de erva, e o solo encontra-se impregnado de escorrimentos tóxicos do carvão e do petróleo, e as únicas coisas vivas são máquinas e escravos – e as primeiras mais do que os segundos».<sup>18</sup>

Aproximadamente 25 mil daqueles trabalhadores forçados trabalharam literalmente até à morte, com um tempo médio de vida de apenas três meses.<sup>19</sup> Todavia, terminada a guerra, a ambiciosa experiência da Farben na I. G. Auschwitz revelar-se-ia um fracasso estratégico. Não obstante o enorme investimento e o custo humano incredivelmente elevado, para grande desagrado de Hitler, a fábrica apenas conseguiu produzir uma pequena quantidade de combustível sintético e nenhuma borracha *Buna*. Como seu testamento duradouro ficaria apenas o seu papel assassino na Solução Final.